

INSOCIABILIDADE, INÉPCIA E MIMETISMO: DEAMBULAÇÕES EM TORNO DA OBRA DE ROBERT WALSER

Cássio Robson Alves da Silva¹

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar a obra de Robert Walser (1878-1956) sem desconsiderar o fato de que ela deriva em muitos aspectos da própria vida do autor. A partir de uma análise literária, e com os subsídios de outros estudiosos, buscaremos provar que a insociabilidade, a inépcia e o mimetismo são elementos que constituem as personagens do escritor suíço e que entre eles existe uma espécie de espelho intersubjetivo. Tais elementos nortearam nossos argumentos, além de mostrar que Walser, através da sua literatura, foi capaz de fornecer um retrato fiel de seu tempo e de, mesmo a contragosto, colocar sutilmente sob dúvida os rumos e alicerces da civilização moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Robert Walser; insociabilidade; inépcia; mimetismo.

**INSOCIABILITY, INEPTITUDE AND MIMICRY: WANDERINGS AROUND ROBERT WALSER'S
WORK**

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the work of Robert Walser (1878-1956) without disregarding the fact that it derives in many aspects from the author's own life. From a literary analysis, and with the support of other scholars, we will try to prove that insociability, ineptitude and

¹Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: cassioalvesdasilva13@gmail.com

mimicry are elements that constitute the characters of the Swiss writer and that among them there is a kind of intersubjective mirror. Such elements guided our arguments, in addition to showing that Walser, through his literature, was able to provide a faithful portrait of his time and, even reluctantly, to subtly put in doubt the directions and foundations of modern civilization.

KEYWORDS: Robert Walser; insociabilty; ineptitude, mimicry.

1 Introdução

“O afogado vive!”

Conde de Lautréamont

O signo da vida e da obra do escritor suíço Robert Walser pode ser percebido desde os seus primeiros textos. *O lago (Der Teich)* põe em cena as dissimulações do adolescente Fritz, que, não conseguindo reconquistar o amor de sua mãe Marti, finge suicidar-se para sondar se ela ainda nutre alguma preocupação ou sentimento afetuoso por ele.² Na peça de poucos diálogos, escrita quando Walser tinha quatorze anos³, o pequeno Fritz, fingindo afogar-se num lago à beira da floresta, pelo menos momentaneamente, suscita em sua família a compaixão tão desejada, mas às custas de uma comunicabilidade marcada por uma sinceridade nunca satisfeita com as possíveis vantagens de uma interlocução bem sucedida, talvez ainda insuficiente para remediar a indiferença entre a mãe e o filho, pois aquela, após o embuste do filho, pergunta a si mesma: “existe alguma que coisa mudou entre nós?”⁴. A sociabilidade mediada pelo duvidoso afeto materno, e tão requerida por Fritz, finda por se tornar o prenúncio de uma iminente ruptura, ou seja, de uma angustiante insociabilidade.

Essa importante constatação, extraída da única de suas obras escrita em dialeto suíço⁵, evoca um embasamento de ordem filosófica. A título de nota, Kant⁶, tentando entender a unificação dos antagonismos presentes na natureza humana, sustentará que a disposição para a insociável

2 WALSER, Robert. *L'Étang et Félix*. Tradução: Gilbert Musy. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2016, p. 15. Tradução nossa.

3 UNSELD, Siegfried. Robert Walser y sus editores. In: UNSELD, Siegfried. *El autor y su editor*. Tradução: Genoveva e Antón Dieterich. Madrid: Taurus Ediciones, 1985, p. 174. Tradução nossa.

4 WALSER, Robert. *L'Étang et Félix*. Tradução: Gilbert Musy. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2016, p. 22.

5 Excetuando *Der Teich*, todo o restante de sua obra encontra-se em língua alemã. Sabe-se que Walser absteve-se de escrever em dialeto suíço por acreditar ser uma maneira popularesca de agradar o povo. Para ele, o artista devia guardar distância deste tipo de impulso literário. Em 10 de setembro de 1940, compartilha com o amigo Carl Seelig o seguinte pensamento: “Nunca quis escrever em dialecto. Sempre me pareceu uma forma indecorosa de agradar às massas. [...] Deve inspirar-lhes respeito. O escritor cujo talento se baseia em querer escrever de modo mais popular que os outros não passa de um tolo” (Cf. SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, p. 40).

6 KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita*. Tradução: Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 13.

sociabilidade existe, pois, “o homem tem uma inclinação para a associar-se [...]. Mas ele também tem uma forte tendência a separar-se (isolar-se) porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável”. Longe da estrutura dos sistemas filosóficos, o escritor suíço chega às mesmas conclusões kantianas. Desse modo, adiante analisaremos como Walser eleva aquilo que estava restritamente no âmbito familiar ao nível de dado antropológico. Nesse sentido, aquilo que Adorno⁷ constatou a respeito de Kafka, a saber, que “a gênese social do indivíduo [a família] revela-se no final como o poder que o aniquila”, aplica-se também a Robert Walser, de maneira que a dificuldade de lidar com as exigências da intersubjetividade familiar configura-se como um *a priori* dos entraves das relações sociais mais abrangentes.

Antes de apresentarmos os aspectos biográficos do autor, convém ressaltar que muitos traços de sua obra literária se confundem intrinsecamente com sua vida, sobretudo no que diz respeito ao estatuto subjetivo das personagens. Aliás, já que introduziremos o tema do desejo de desaparecimento desencadeado pela inadequabilidade social, cabe mencionar, de antemão, que neste ponto é possível detectar verossímeis elementos de matriz autobiográfica.

Na prosa *A história de Helbling* (*Helblings Geschichte*), a personagem, autodenominando-se um homem comum, regozija-se em “desaparecer na massa dos muitos”⁸. Algo muito parecido encontramos numa espécie de confissão de Robert Walser a um amigo durante um passeio em 9 de abril de 1945: “quero viver com o povo e desaparecer no seu seio. É o que mais se adequa ao meu modo de ser”⁹. Ainda podemos dizer que as revelações feitas por Walser, na intimidade amistosa com Carl Seelig, dão conta de um reconhecimento permanentemente ambíguo no que diz respeito às convenções sociais: “não se deve rejeitar a sociedade. Deve-se viver nela e lutar por ela, ou contra ela”¹⁰.

Quase meio século, precisamente 44 anos, separa o primeiro empreendimento literário (*Der Teich*) de Walser das suas primeiras caminhadas com o amigo Carl Seelig. Por isso, faz-se necessário voltarmos nossa atenção para alguns eventos desse lapso de tempo e tentarmos traçar brevemente um itinerário dos principais acontecimentos que marcaram profundamente a trajetória pessoal de Walser.

7 ADORNO, Theodor. *Prismas*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 249.

8 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 41.

9 SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, p. 113.

10 SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, p. 25.

Robert Otto Walser nasceu na cidade de Bienne, na Suíça, em 15 de abril de 1878, às três horas da tarde e foi o sétimo de oito filhos¹¹. Porém apenas os primeiros filhos puderam usufruir de boa educação, pois, depois da falência do atelier de encadernação, da papelaria e da loja de brinquedos administrada por seu pai Adolf Walser, pouco restou para o financiamento da educação do ainda adolescente Robert Walser. Em 1894, logo após o revés econômico do marido, Elisa Walser-Marti, mãe do escritor, suicida-se. Diante de tal tragédia e do déficit das atividades econômicas da família, Robert Walser, então com quatorze anos e por possuir uma boa caligrafia, não podendo financiar a própria educação, abandona os estudos para assumir o posto de aprendiz de escriturário no Banco Cantonal da cidade Berna, na Suíça, seguindo essa formação durante três anos, período a partir do qual começa a escrever suas primeiras obras em prosa.¹²

Ao adquirir experiência nessas funções, de 1895 a 1905 – antes de sua partida para Berlim–, o autor acumula evidentes qualidades profissionais, mas o faz simplesmente para que isto lhe sirva de material poético para suas obras. Percebe-se que, desde a origem de sua juventude, Walser, movido pelos infortúnios familiares, sentiu-se impelido, ao assumir a função social do trabalho, a uma forçosa integração com o mundo, muitas vezes caracterizada pela necessidade de conquistar a admiração e o respeito de seus superiores – tal como agia o adolescente Fritz com sua mãe.

Segundo Nicole Pelletier¹³, que em 1985, na França, redigiu uma das primeiras teses de doutorado sobre Robert Walser¹⁴, convém distinguir a obra do autor suíço em três grandes períodos: a) o período berlinense (1905-1913) durante o qual publicou três dos principais romances; b) o período de retorno à Suíça: em Bienne instala-se de 1913 a 1918; pode-se acrescentar os anos de Berna, onde dá início ao seu período mais produtivo, quando publica numerosos textos em prosa, poemas, pequenos dramas e diálogos; c) o período que compreende a última parte de sua vida, aproximadamente três décadas, instalou-se num asilo psiquiátrico¹⁵ em 1929 e lá permaneceu até sua morte em 1956. Muitos dos registros dessa época nos chegaram em função do esforço do jornalista suíço Carl Seelig, tutor e amigo de Walser, e foram publicados no livro *Caminhadas com*

11 AMANN, Jürg. *Robert Walser: una biografia literaria*. Tradução: Rosa Pilar Blanco. Madrid: Ediciones Siruela, 2010, p. 24.

12 SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989, p. 49. Tradução nossa.

13 PELLETIER, Nicole; DENTAN, Michel. *Robert Walser: le rien et le provisoire*. Tradução: Marion Graf. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2008, pp. 21-22. Tradução nossa.

14 A tese encontra-se publicada em livro. Cf. PELLETIER, Nicole. *Franz Kafka et Robert Walser – etude d'une relation littéraire*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz/Akademischer Verlag, 1985.

15 Por esta razão, Otto Maria Carpeaux situa Walser na história da literatura alemã como sendo um “caso” psicológico”. Cf. CARPEAUX, Otto Maria. *A História concisa da Literatura alemã*. Barueri: Faro Editorial, 2013. Não examinaremos esse viés interpretativo, mas é necessário fazer menção ao estudo de Philippe Lacadée acerca da relação entre a literatura de Robert Walser e a psicanálise: cf. LACADÉE, Philippe. *Robert Walser, le promeneur ironique. Enseignements psychanalytique de l'écriture d'un roman du réel*. Nantes: Édition Cécile Defaut, 2010.

Robert Walser (Wanderungen mit Robert Walser) no qual encontramos um riquíssimo testemunho dos últimos dias da vida do escritor.

“Não é fácil falar sobre Robert Walser”¹⁶, continua a pesquisadora, e por esta razão ela sugere que a obra do autor seja introdutoriamente dividida em três grandes grupos de histórias: “histórias de ajudantes”, “história de passeios” e “histórias de nada”. Não trataremos de cada grupo separadamente. Nosso objetivo é propor um entrelaçamento mútuo entre eles, de modo que a constelação de personagens walserianos se interconectem tendo como base alguns parâmetros e horizontes interpretativos dos quais adiante falaremos.

2 A origem da insociável sociabilidade e a pretensão de inépcia

“Arrancaram de meu coração todas as doçuras da sociedade”.

Jean-Jacques Rousseau

“Não, não me falem desses vossos sofrimentos rimados que engolimos facilmente como ostras, não me falem dos bombons da infâmia, dos achocolatados cremes de horror, dos confeitos da miséria, dos doces da dor e das guloseimas do desespero”.

Witold Gombrowicz

Após essa introdução, podemos agora indicar para onde apontam os horizontes interpretativos. O desejo de desaparecimento, impresso desde os primeiros escritos de Walser, como vimos acima, tem uma intensidade crescente marcada por uma alteridade furtiva. Isto é, Fritz, ao contemplar às escondidas o seu chapéu flutuante no lago, vê o falso plano suicida ser consumado sem a necessidade imediata de comunicar diretamente ao outro o seu desejo de renunciar ao mundo.

Sendo assim, tal como no poema *O estrangeiro (L'étranger)* de Charles Baudelaire¹⁷, Walser sentia-se, desde a mais tenra juventude, como o homem enigmático do poeta francês o qual, incapaz de manter uma sólida relação com os baluartes de seu tempo (família, pátria, sociedade, Deus), refugiava-se no amor pelas nuvens, “as nuvens que passam ao longe... as maravilhosas nuvens”.

16 PELLETIER, Nicole; DENTAN, Michel. *Robert Walser: le rien et le provisoire*. Tradução: Marion Graf. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2008, p. 19.

17 BAUDELAIRE, Charles. *Le spleen de Paris ou les cinquante poèmes en prose de Baudelaire*. Paris: Émile-Paul Frères, 1917, p. 1. Tradução nossa.

Antes de sua morte, em 25 de dezembro de 1956, num passeio ao redor da clínica de Herisau, Walser nutriu por vários anos uma grande amizade com Carl Seelig, com quem fazia longas caminhadas. Numa delas, em 27 de julho de 1943, Walser parece bastante familiarizado com a ideia baudelairiana de fazer das nuvens objeto de uma única esperança de sociabilidade, e a perda da crença na humanidade, outrora representada pela renúncia ao mundo. Eis a descrição de conotação bastante idílica.

Apanhamos o comboio que leva de Sankt Gallen a Altstätten, conversando sobre coisas sem importância e acendendo cigarros uns a seguir aos outros. Robert [Walser] segue com o olhar o movimento das nuvens. «As nuvens são aquilo de que mais gosto. São tão sociáveis, como amigos bons e silenciosos. Com elas, o céu torna-se logo mais movimentado – mais humano».¹⁸

Para Walser, desaparecer não constitui uma meta absoluta. Percebemos que este recurso fica cada vez mais evidente quando projeta sobre si mesmo uma existência volátil, afinal “desaparecer”, argumenta Marie-Louise Audiberti, “pode ser o motivo de uma vida inteira, de toda uma obra, o ponto de ancoragem de toda ressurreição”.¹⁹ O que caracteriza essa volatilidade existencial é a alternância de personagens cada vez mais supérfluos para uma vida em sociedade, o que evita, por consequência, uma transparência absoluta de si e sua relação com o outro. A negação de atributos pessoais condiciona a invisibilidade social de Walser, mas também preconiza a desaparecimento de si, a impossibilidade de qualquer consolidação subjetiva reconhecida por si e pelos outros indivíduos.

Sentimentos que dizem respeito à nós mesmos, isso todo mundo tem, e esses são em essência, sentimentos condenáveis, pretenciosos em relação ao coletivo. [...] Decerto, por vezes temos vontade de nos inquirir a esse respeito, sentimos algo como um leve anseio de nos tornar pessoas boas e sólidas, mas quando é que isso aconteceria? Será às sete horas da manhã? Ou quando, então?²⁰

Desse modo, nos aproximamos da análise de David Le Breton quando este, defrontando-se a com a tarefa contemporânea de ser si mesmo, afirma que “[,]para desaparecer[,] Walser se confunde com o papel que lhe é atribuído, se apaga como ator de sua existência e se sujeita prontamente à gravidade das coisas”.²¹

18 SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, p. 68.

19 AUDIBERTI, Marie-Louise. *Le vagabond immobile. Robert Walser*. Paris: Gallimard, 1996, p. 16. Tradução nossa. A posição da autora coaduna com as argumentações de David Le Breton. O antropólogo francês afirma que “Robert Walser é um personagem animado pelo desejo de desaparecer de si, obcecado pela vontade de não mais assumir as obrigações de sua identidade. Não obstante os livros, os artigos que publica, ele nega qualquer compromisso no mundo em que sofre para se reconhecer sem jamais conseguir reunir condições de recusá-lo”. Cf. LE BRETON, David. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 27.

20 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 49.

21 LE BRETON, David. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 27.

No romance *Jakob von Gunten, um diário (Jakob von Gunten - Ein Tagebuch)*, a personagem principal ingressa no misterioso Instituto Benjamenta, uma escola para formar jovens serviçais e domésticos. Lá, o jovem, no limiar de sua submissão voluntária, desenvolve uma “inacreditável habilidade para desaparecer de um lugar” e, alternando o tédio e a monotonia das atividades, almeja: “um dia, algum aroma vai se propagar de meu ser e de minha origem; serei flor em botão e exalarei um pouquinho de perfume, como se para o meu próprio deleite”²². Não é difícil aventar a hipótese de que essa analogia com os elementos do mundo vegetal diz muito sobre como Walser se sentia subjetivamente: “não me desenvolvo. É um modo de dizer. Talvez nunca dê ramos e folhas”²³. Além disso, essa analogia com o botão da flor reforça o caráter quase metonímico de um dos regulamentos do Instituto Benjamenta, pois quando se lê o manual “*O que pretende a Escola Benjamenta para rapazes*” verifica-se que “a boa conduta é um jardim em flor”²⁴. Em outros termos, essa subjetividade desintegrada e fragmentária ganha contornos imagéticos e correspondentes extrínsecos (fogo-fátuo), cuja incerteza da consciência de si surge como consequência imediata das situações limite vividas por Jakob von Gunten com o senhor Benjamenta, diretor da escola.

Todo o meu corpo estremece. Vejo um brilho ondular diante dos olhos, como fogo-fátuo a bailar. Aconteceu, ou parece ter acontecido, algo terrível; não estou bem certo de mim mesmo nem do que se passou. O sr. Benjamenta teve um acesso e... tentou me estrangular. Será verdade? Ai de mim. Minhas faculdades mentais se desvanecem, e não sei dizer se é verdade ou não o que aconteceu.²⁵

Assim constatamos um indício da razão pela qual, como afirma Elias Canetti, tudo em Walser se torna natureza exterior; isto é, o fato de ele passar “a vida inteira renegando a essência, o que há de mais interior”²⁶ revela-se quase como uma primitiva pretensão de inépcia oriunda do esvaziamento de sua própria condição humana. Mas como fundamentar tal pretensão?

Ora, a escrita de Walser é uma espécie de conjunção da realidade, e, declaradamente, o escritor assume uma impotência diante de tentativas de subestimar qualquer coisa que lhe aparece como possível de ser tomada como conteúdo literário. Todavia, isso não é feito gratuitamente. Para tanto, todas as estruturas civilizacionais são destituídas de seu sentido primordial e cristalizado nas quais se apoia a realidade dada. Logo, a família perde o aspecto sublime em *O lago*; o trabalho perde seu valor social no romance *Os irmãos Tanner (Geschwister Tanner)*, uma vez que Simon acumula

22 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 130.

23 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 130.

24 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 76.

25 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 128.

26 CANETTI, Elias. Robert Walser. In: CANETTI, Elias. *Sobre os escritores*. Tradução: Kristina Michahelles. Rio Janeiro: José Olympio, 2018, p. 152.

despretensiosamente empregos temporários ao desempenhar atividades triviais, mas não hesita em abandoná-los “[...] por vontade própria, pelo simples prazer de sair”²⁷. O aspecto social desvaloriza-se quando *Jakob von Gunten* constata desolado que é um ser social e não mais uma criatura primitiva da natureza²⁸; a escola, com a sua inutilidade disciplinar, torna-se apenas um subterfúgio para o pequeno Fritz Kocher (em *As redações de Fritz Kocher [Fritz Kochers Aufsätze]*) dar vazão aos seus devaneios através das tarefas de redação.

No romance *O ajudante (Der Gerhülfe)*²⁹, por exemplo, acompanhamos a insolência de Joseph Marti. O ajudante presencia de muito perto a ascensão e a queda de empreendimentos comerciais. O engenheiro Tobler é o porta-voz dos presságios do começo do século XX. Sua falência, testemunhada pela intransigência do ajudante Joseph, fora motivada pelo insucesso de uma das suas invenções – a cartucheira automática, símbolo do poderio bélico.

É por esse motivo que o fervor patriótico do engenheiro Tobler e sua invenção bélica em 1903, ainda que seja um exemplo aparentemente trivial, demanda uma constatação antecipatória da decadência de uma época marcada dali a poucos anos, em 1914, pela Primeira Guerra Mundial. Tendo em vista que a obsolescência da cartucheira automática do empreendedor Tobler fora o motivo de sua falência, teríamos ingenuamente um motivo bastante relevante para prever que uma guerra poderia ser evitada. Todavia, é no mínimo curioso que toda inventividade do poderio bélico, negada e superada como novidade comercial na época de Tobler, pudesse ser um dos componentes técnicos do aparato de uma grande guerra e, portanto, mantida.³⁰

No entanto, não seria coerente reivindicar ímpeto, vocação política ou revolucionária de um autor recluso metade de sua vida em asilo psiquiátrico. Conquanto, é justamente por isso que, com a sensibilidade de alguém que transgrediu os limites lógicos e racionais, é possível vislumbrar em

27 WALSER, Robert. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 9.

28 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 104.

29 Sabe-se que Walser escreveu o romance em seis semanas (Cf. SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, p. 119). Muito do que se encontra na obra está baseado na sua experiência em Wädenswil (Bädenswil no livro), um Cantão de Zurique, na Suíça, como empregado do senhor Dubler (Tobler no livro). Na introdução da edição brasileira, o tradutor Zé Pedro Antunes lembra que ainda hoje é possível encontrar a mansão na qual o romance se passa, bem às margens do lago de Zurique.

30 Por esta razão, cabe ainda dizer, em nossa opinião, que as descrições de Walser podem ser compreendidas como uma crítica (incipiente, talvez) ao modelo belicista, isto é, a despeito das afirmações contidas no ensaio de Coetzee – de que *Jakob von Gunten* poderia sentir-se atraído pelos camisas pardas de Adolf Hitler. Não podemos concordar com os comentários do escritor sul-africano, pois encontramos em Walser um lacônico modo de tratar sobre regimes totalitários, em especial o nazismo hitleriano: “Algum dia esta maldita idolatria hitleriana tinha de chegar ao fim. A quem foi elevado, como ele, às alturas, não resta senão cair no abismo mais profundo. Hitler entrou num estado hipnótico de cinismo e autocomplacência, em que o bem da nação deixou de ter qualquer significado”; cf. COETZEE, John Maxwell. Robert Walser. In: COETZEE, John Maxwell. *Mecanismos internos*. Tradução: Sérgio de Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 39; cf. SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019, pp. 111-112.

seu texto a capacidade denunciadora das bases nas quais certas civilizações estão apoiadas. Assim, assimilar o real passa necessariamente pela anunciação das intencionalidades mais triviais e o nexó lógico comprometido pela inadequação social é recuperado da maneira mais originária e selvagem possível, ainda que revestido pelo devaneio ou pelo delírio.

Por conseguinte, para sairmos dessa breve inflexão política, é preciso admitir que Walser, no limiar das disjunções sociais, absorve a realidade dando-lhe uma importância cuja significação convencional sempre lhe será estranha. Nesse sentido, não se trata de uma relação epistemológica com o mundo, senão de desvelar o percurso dispendioso de contato com a experiência mais ínfima, sobretudo para quem despreza a capacidade de pensar.³¹

Na prosa curta *Peguei você! (So! Dich hab ich)*, Walser nos mostra uma personagem com uma excêntrica obsessão em duvidar de todas as coisas à sua volta. Talvez para testar seu autodeclarado inepto pensamento, examina meticulosamente cada objeto, nada escapa de sua inteligibilidade tresloucada. Nada escapa de seus sentidos: a porta, a carta, a taça de vinho.

Qualquer pessoa teria compreendido de pronto a taça de vinho, mas aquele que não confiava nos próprios olhos não a compreendia, não acreditava, ficou olhando aquela taça de vinho por uma boa meia hora, pôs-se a farejá-la com seu nariz de tolo de um metro de comprimento, como havia feito com a carta, e perguntou: "Taça de vinho, me diga: você está mesmo aí ou será que não está". [...] Alguém assim não é um arquitolo? Certamente sim, mas esse era justamente, um tolo cujos tenros e mais que tenros escrúpulos não lhe davam um minuto de sossego e que ficava feliz quando as coisas não lhe convinham ou não davam perfeitamente certo, um tolo maluco pela ordem e pela pontualidade, pela precisão e pela exatidão [...].³²

É como se a generalidade dos conceitos de uma época se esvaziasse com o enfraquecimento dos laços familiares, com a ausência de emoção cívica, com o despreparo político e a falta do manejo social; é como se a narrativa de Walser fosse povoada por aqueles que, conforme W.G. Sebald³³, "são obrigados a testar sua capacidade de amar aparentemente atrofiada em substâncias inanimadas e objetos que, do contrário, ninguém repara". Assim, todo o significado do real é concebido pelas certezas sensitivas, imediatas, simplesmente "pelo medo de que alguma experiência de vida escape"³⁴.

Em suma, pela relação imanente com cada coisa, é possível fornecer vida ao objeto inanimado ou, se se preferir, de maneira menos fantástica, a partir da vivacidade das sensações,

31 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 81.

32 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 70.

33 SEBALD, Winfried Georg. O passeador solitário. *Revista Serrote*, São Paulo, n. 5, 2010, p. 97.

34 WALSER, Robert. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 222.

adornar cada coisa, para usar a expressão de Walter Benjamin³⁵ em seu ensaio sobre Robert Walser, com uma “guirlanda linguística”, ou, ainda com W.G. Sebald³⁶, moldar cada coisa com um acabamento de “bricolagem linguística” e tirá-la de sua quietude imaterial através do sopro de vida linguístico empreendido em cada descrição.

Por vezes, Walser era tomado por uma estranha compaixão que suscitava nele uma iminente tendência a sacrificar-se junto de suas personagens. O que o mantinha, no entanto, longe dessa meta era a transitoriedade do mundo e a consciência do irreparável³⁷, que o fazia superar, sempre adotando a escritura como sublimação, os episódios extremos de melancolia. É assim que se sente um pobre poeta ao presenciar o quarto da falecida senhora Wilke (*Frau Wilke*), de quem dias antes alugara um apartamento.

Uma tarde, pouco depois da morte dela, entrei em seu quarto vazio, que o bondoso sol do fim de tarde adornava de uma ternura rosa, clara e alegre. Foi então que vi sobre a cama as coisas que ela costumava usar – a saia, o chapéu, a sombrinha, o guarda-chuva e, no chão, as botas pequenas e delicadas. Aquela estranha visão me deixou indescritivelmente triste, e dotado desse sentimento peculiar, eu próprio me senti quase como se tivesse morrido – a *totalidade da vida*, tão cheia de substância e que tantas vezes parecera tão grandiosa e bela, fez-se insuportavelmente rala e pobre. Todo o transitório, todo o passageiro tornou-se para mim mais próximo do que nunca. Passei um bom tempo contemplando aquelas coisas agora sem dono, inúteis, e o quarto dourado, enaltecido pelo sorriso do sol poente; não me movi nem entendia mais coisa nenhuma. Contudo, depois de algum tempo de muda imobilidade, fiquei satisfeito e tranquilo. A vida me pegou pelo ombro e me fitou nos olhos com um olhar maravilhoso. O mundo estava vivo como sempre, e tão belo quanto em suas horas mais belas. Em silêncio, afastei-me e saí para a rua.³⁸

Em vários momentos de sua obra, Walser deixa-nos entrever que suas aspirações de reflexão contrastam com a sua verdadeira incapacidade de ir além de seus próprios limites cognitivos. Por um lado, essa elasticidade limitante reside na necessidade de filosofar sobre tudo o que lhe aparece, mas, por outro lado, esbarra no excesso de rigor demandado pelo mundo na qualidade de conteúdo infinitamente inteligível (a “totalidade da vida” supracitada). Tal procedimento é visto como um péssimo costume por Walser, de modo que através de uma de suas personagens diz que se vê “inteiramente forçado a pensar nessas coisas, aparentemente minúsculas e insignificantes, enquanto a realidade viva ao meu redor se torna curiosamente incompreensível. Esses momentos são um mau hábito”³⁹. Este mesmo despreço pelo pensar, demonstrado pelo ajudante Joseph

35 BENJAMIN, Walter. Robert Walser. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 52.

36 SEBALD, Winfried Georg. O passeador solitário. *Revista Serrote*, São Paulo, n. 5, 2010, p. 93.

37 AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução: Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 36.

38 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 84-85. Grifo nosso.

39 WALSER, Robert. *O ajudante*. Tradução: Zé Pedro Antunes. São Paulo: Arx, 2003a, p. 213.

Marti no romance de 1908, coexiste na história de Helbling como prerrogativa da inépcia arrogada por Walser. Vejamos o trecho a seguir.

Não sinto grande amor pelo trabalho, porque tenho sempre para mim que ele ocupa e atrai muito pouco minha inteligência. O que, por sua vez é outra questão. Não sei se sou dotado de inteligência e, aliás, não me cabe acreditar que sim, porque já me convenci diversas vezes de que me comporto como um idiota quando me dão uma tarefa que desafia meu intelecto e minha sagacidade. Com efeito, isso me deixa perplexo e me faz refletir sobre se não pertenço àquela estranha classe de pessoas que só são inteligentes quando imaginam sê-lo, mas que deixam de sê-lo tão logo se faz necessário mostrar que o são. Coisas inteligentes, belas e sutis me ocorrem aos montes, mas toda vez que preciso pô-las em prática elas não dão certo ou me abandonam, e lá fico eu, com cara de jovem aprendiz incapaz de aprender. [...] Assim sou eu: um cabeça de vento a calcular o efeito que vai produzir. [...] Para o trabalho de um homem sério não possuo nem a inteligência nem a sensatez, falta-me o ouvido, a visão, o tino. [...] Em geral, o horror ao trabalho não é uma coisa muito natural nos homens, mas é minha vestimenta [...].⁴⁰

Mas de onde emana essa repulsão à racionalidade aliada ao horror ao trabalho? Ora, não é preciso ser um grande leitor de Max Weber para constatar que a época em que Walser viveu (fim do século XIX e começo do século XX em diante) – e na qual estavam ambientadas as suas narrativas – foi dominada pela ascensão da burocracia; isto é, pela incorporação de uma certa racionalização dos postos mais básicos de trabalho e do enrijecimento das relações hierárquicas.

Nesse sentido, de acordo com a biógrafa Catherine Sauvat⁴¹ podemos auferir que esta familiaridade conflitante com o mundo dos objetos em geral existe em decorrência da “confrontação com o mundo do trabalho”, pois Walser “traz à tona tudo que há de provisório e absurdo da realidade [...]”, tudo que foge, portanto, de um modelo racional determinado. Ainda segundo a autora, isso se dá pelo fato de Walser traduzir em escrita as passagens por vários empregos e ofícios, uma vez que tenta incorporar em suas prosas a “descrição de seus escritórios [...]” fazendo com que elas sejam integradas “para o bem ou para o mal num universo de deveres e horários, e sejam contaminadas por uma espécie de loucura e de inquietude”⁴².

3 O espectro do sucesso e a propensão ao mimetismo

“Passado, decadência – como são encantadores!”

Robert Walser

40 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 43, 47, 53.

41 SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989, p. 50. Tradução nossa.

42 SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989, p. 51.

Na pequena prosa *Carta de um pai ao seu filho* (*Briefe eines Vaters an seinen Sohn*), Walser nos apresenta a figura de um pai reagindo às queixas contundentes de seu filho pelo fato de este não ter recebido uma boa educação do progenitor. Nesse relato os papéis são invertidos, pois percebemos que as críticas do filho são postas com veemência. Tais críticas são incorporadas na resposta do pai, fazendo-o um mero receptor das admoestações do filho.

Não obstante a inversão das posições, o pai preserva o caráter fraternal em sua réplica, mas sem perder a firmeza esperada dele numa situação como essa. Nas várias argumentações, o pai justifica a educação precária fornecida ao filho tentando dissuadi-lo da ideia de obter uma vida bem-sucedida, rememorando os momentos em que submeteu seu rebento às humilhações do trabalho árduo e a um tratamento austero: “Meu caro filho, tu me reprovos por eu ter dado uma educação precária [...]. Tu sustentas que não há nenhum valor educativo em carregar lixeiras e cortar madeira”⁴³

É importante sublinhar que o pai atribui ao mundo a educação que ele próprio negligenciara, ao passo que sugere ao filho desfazer-se a contento de qualquer possibilidade de alcançar sucesso, ou seja, anulando as raízes do arrivismo juvenil⁴⁴.

O mundo onde estarás detido e acomodado será teu melhor educador e tu serás educado conscienciosamente. Sejas feliz, meu filho, por poder respirar amanhã sem ter de pensar constantemente no sucesso. [...] Suponha que eu tenha fornecido uma educação exemplar: quão terrível responsabilidade tu sentirias pesar sobre a cabeça e sobre os ombros. Pois saiba bem: uma educação verdadeiramente boa em todos os pontos de vista, o que se chama brilhante educação, responsabiliza. Ela obriga o educando a desempenhos dignos, obriga também a fazer uma bela carreira. Tua educação precária te poupa deste espectro, desta exemplaridade, deste terrível ter-de-obter-êxito-de-todas-as-formas^{45, 46}

43 WALSER, Robert. Lettre d'un père à son fils. *Revue Intervalles*, Bienne, n.19, 2006, p. 59. Tradução nossa.

44 Na prosa em questão, também acompanhamos o pai proibir o filho de ler romances, como se dessa forma estivesse impedindo qualquer tipo de engrandecimento cultural. Esta educação austera, longe de qualquer diletantismo, não é algo difícil de encontrar na história da literatura. Basta lembrarmos da cena do romance *O vermelho e o negro*, de Stendhal, em que o velho Sorel repreende veementemente seu filho Julien Sorel por ocupar-se com a leitura de romances. Resguardadas as diferenças de contexto histórico-literário e de complexidade de personagens, cabe traçar esse paralelo, pois sabe-se que Walser era leitor atento do clássico de Stendhal (o leu ao menos quatro vezes), o que nos faz depreender que a semelhança das cenas não é uma mera coincidência. Por um lado, na prosa curta de Walser, é assim que o pai deixa claro seu descontentamento com o hábito de leitura do filho: “Persistirei em te proibir a leitura de romances [...]” (cf. WALSER, Robert. Lettre d'un père à son fils. *Revue Intervalles*, Bienne, n.19, 2006, p. 60. Tradução nossa.). Por outro lado, com mais contundência, Julien Sorel é censurado pelo seu pai ao substituir os afazeres da oficina pela leitura de livros: “Em vão chamou Julien duas ou três vezes. A atenção que o jovem dava a seu livro, bem mais do que o ruído da serra, o impediu de ouvir a voz terrível do pai. Enfim, apesar da idade, este saltou agilmente sobre o tronco submetido à ação da serra, e dali até a viga transversal que sustinha o telhado. Um golpe violento fez voar até o riacho o livro que Julien segurava; um segundo golpe igual mente violento, na cabeça, o fez perder o equilíbrio. Ia cair de uma altura de 3 a 4 metros, sobre as alavancas da máquina em ação, que o teria estraçalhado, mas o pai o reteve com a mão esquerda no momento em que caía.” (Cf. STENDHAL. *O vermelho e o negro*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2002). Mais sobre a relação de Robert Walser com a literatura francesa: cf. GRAF, Marion. *Robert Walser lecteur de petits romans sentimentaux français*. Paris: Éditions Zoé, 2015.

45 A última parte desta frase está conservada como que num bloco sentencial. Em alemão: *Müssen-in-jeder-Hinsicht-hervorragend* (Cf. WALSER, Robert. *Kleine Dichtungen*. Leipzig: Kurt Wolff Verlag, 1914. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/37128/37128-h/37128-h.htm>. Acesso em 11/06/2020).

46 WALSER, Robert. Lettre d'un père à son fils. *Revue Intervalles*, Bienne, n.19, 2006, p. 60. Tradução nossa.

Para o que nos importa, resta-nos enfatizar como o pai arremata suas advertências em relação à possibilidade de obtenção do sucesso na vida, recorrendo a uma certa espectralidade para dirimir os anseios arrivistas do filho. Mas o que é a espectralidade?

A espectralidade é uma forma de vida. Uma vida póstuma ou complementar, que começa somente quando tudo acabou e que tem, por isso, em relação à vida, a graça e a astúcia daquilo que é completo, a elegância e a precisão de quem não tem mais nada diante de si.⁴⁷

Amparado nessa valiosa definição do filósofo italiano Agamben, podemos ensejar que Walser remete-nos para um ambiente de decadência aristocrática do qual ele próprio veio. Com efeito, todos os esforços para uma existência plena eram inúteis, pois o futuro de Walser estava condenado ao fracasso justamente pela descontinuidade provocada pela falência dos negócios da família e a conseqüente morte do pai. Esse trágico revés destoará da notável linhagem dos avós paternos de Walser, composta por respeitáveis pessoas públicas – pastores, senadores e médicos.⁴⁸

Por isso, por um lado, não é difícil suspeitar que a narrativa *Carta de um pai ao seu filho* está plena de elementos biográficos da história do escritor. Ao que parece, por outro lado, a persuasão ao trabalho árduo provocou em Walser o apreço pela humildade e incutiu-lhe a modéstia e a propensão a uma paradoxal submissão voluntária. É dessa estirpe que descendem e se constituem as criaturas de Walser. As dissonâncias dessa postura em relação ao sucesso são delineadas dentro da polifonia do escritor suíço e parecem encontrar afinação, por exemplo, nas desconcertantes afirmações do factótum Simon Tanner, pois para ele “a infelicidade é bela”⁴⁹, confirmando, então, nas palavras de Walter Benjamin⁵⁰, o desfrute do convalescente. Isto porque o êxito não está integrado substancialmente como uma das exigências da vida. Basta que observemos o solilóquio do poeta-inquilino em *Frau Wilke*: “a sociedade, isto é, lá onde se encontra o mundo, o mundo que é um palco, essa eu nunca frequentei. Não tinha nada a fazer lá, porque não era uma pessoa de sucesso”⁵¹. Em última instância, tanto o prazer da infelicidade quanto a aversão ao êxito encontram-se na história de *Vladimir (Wladimir)*: “parece singular que ele confesse ter muitas vezes se alegrado com a infelicidade e se indisposto com o sucesso”⁵².

Toda radicalidade herdada dessa postura é concretizada na fórmula concebida pelo aspirante a serviçal Jakob von Gunten: “de uma coisa tenho certeza: no futuro, o que vou ser é um

47 AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 64.

48 SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989, p. 16.

49 WALSER, Robert. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 207.

50 BENJAMIN, Walter. Robert Walser. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 53.

51 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 83-84.

52 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 102.

zero à esquerda, muito redondo e encantador”⁵³. Segundo Peter Utz, é dessa nulidade existencial, dessa “identidade anulada”⁵⁴ que emana a insistência de Walser em manter-se à margem de qualquer tipo de inserção social.

A sociedade, isto é, lá onde se encontra o mundo, o mundo que é um palco, essa eu nunca frequentei. Não tinha nada a fazer lá, porque não era uma pessoa de sucesso. Pessoas que não fazem sucesso com outras pessoas nada têm a fazer entre elas.⁵⁵

Consequentemente, a busca pelo êxito é tolhida, desde a sua origem, por uma distância aparentemente calculada de qualquer tipo de auto-complacência. Dito de outro modo, quando as qualidades pessoais se sobressaem, imputa-se uma certa excentricidade ou, se quisermos ainda adotar as considerações de Benjamin⁵⁶, uma “superficialidade despedaçadora” aos que ousam delas tirar algum proveito: “Simon era possuidor de boas qualidades, mas temia um pouco que essas qualidades fossem superficiais, que apenas o circundassem em aparência brincando, seduzindo, dançando [...]”⁵⁷.

A partir daí percebe-se uma cisão definitiva com toda forma de perfeição moral alcançável. Ainda vale salientar que a negação do arrivismo possui dois momentos importantes para entendermos o percurso das discussões subsequentes. Em primeiro lugar, como já mencionamos, temos a recusa da auto-complacência como sendo o princípio da impossibilidade de se atingir alguma realização subjetiva: “se é lícito a um aluno do Instituto Benjamenta sentir-se satisfeito consigo mesmo [...], um perfume o envolve, e esse é o doce perfume do louvor modesto mas conquistado com valentia”; ou ainda: “aqueles que se dão valor em demasia jamais se sentem seguros diante dos desalentos e das humilhações”⁵⁸. Em segundo lugar, a negação do passado é sintetizada como credencial de sua subordinação e, já em seu currículo, Jakob von Gunten apresenta-se como alguém que “quer apenas que a vida o eduque, em vez de ser educado por princípios hereditários ou aristocráticos”⁵⁹.

Essa última concepção permite-nos traçar um perfil condizente com uma espectralidade de outra natureza, uma vez mais delineada por Giorgio Agamben. Para ele, há um outro tipo de espectralidade, “[...] que podemos chamar de larval ou larvada, que nasce da não aceitação da

53 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 8.

54 UTZ, Peter. Un point zéro de la littérature allemande. *Revue Europe*. Paris, n. 889, 2003, p. 27. Tradução nossa.

55 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, pp. 83-84.

56 BENJAMIN, Walter. Robert Walser. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 52.

57 WALSER, Robert. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 63.

58 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 76, 84.

59 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 46.

própria condição, da sua remoção para fingir-se a todo custo um peso e uma carne”; ora, na descrição do filósofo italiano “são essas larvas que não vivem sozinhas, mas procuram obstinadamente os homens por cuja consciência malvada foram geradas, para habitá-los como pesadelos ou súcubos [...]”⁶⁰. Na citação a seguir veremos de que maneira essas concepções se ajustam ao modo como a repulsa ao passado aristocrático, em suma, a negação do arrivismo, é sublimada pelos devaneios e descaminhos oníricos do jovem aprendiz.

Que sonho mais assustador tive há poucos dias. Nele, eu me tornara um ser humano ruim, muito ruim; de que maneira isso o sonho não revelou. Tinha me transformado num bruto da cabeça aos pés, num punhado de carne aperaltado, torpe e atroz. Estava gordo, aparentemente muitíssimo bem de vida. Anéis cintilavam nos dedos das minhas mãos disformes, e eu tinha uma barriga da qual pendiam, desleixados, quilos e mais quilos de dignidade sob a forma de carne. Sentia-me tão bem por poder descarregar ordens e humores. Diante de mim, numa mesa farta, resplandeciam os objetos de uma insaciável avidez por comida e bebida, garrafas de vinho e licor, além dos mais seletos pratos frios. Eu só podia me servir, o que fazia de tempos em tempos. Facas e garfos ostentavam as lágrimas de adversários derrotados e, justamente com o tilintar das taças, ressoavam os suspiros de muitos pobres, mas os rastros de lágrimas só me faziam rir, ao passo que os suspiros desesperançados eram como música para mim. Precisa de uma música de fundo, e ali estava ela. Ao que tudo indicava, havia feito belíssimos negócios à custa do bem-estar dos outros, o que alegrava sobremaneira minhas vísceras^{61, 62}.

Por uma parte concordamos com Nicole Pelletier⁶³ quando ela diz que, neste caso, Walser desenvolve “uma crítica suficientemente comum a uma época da civilização moderna racionalizada, materialista, utilitarista que aliena o indivíduo e sobretudo reprime sua singularidade[...]”. No entanto, por outra parte, se quisermos abarcar o universo walseriano, não podemos reduzi-lo a um posicionamento crítico, mas sim presumir uma não tão impossível tentativa de conciliação com o mundo ao qual ele mesmo submeteu à crítica.

Nesse sentido, é válido destacar que Walser encontrava no passeio, nas caminhadas e nas andanças uma maneira de se reconciliar com a realidade e consigo mesmo. No livro *O passeio (Der Spaziergang)* o autor relata as peripécias de um caminhante ávido por “manter contato com o mundo vivo”, pois se não caminhasse “estaria morto”⁶⁴. Trata-se da história de um escritor que não

60 AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Tradução: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, pp. 64-65.

61 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 79.

62 Aqui, percebe-se como Walser, conforme adiante veremos, instila na narrativa uma atmosfera teatral. Nomeadamente, se nos reportarmos à época dos fins da Idade Média alemã (precisamente em Nuremberg e na Suíça germânica) encontraremos, entre outras referências, uma relação mais estreita dos devaneios da citação em questão com a teatro de farsa alemão (*Fastnachspiel*). Segundo Anatol Rosenfeld, “a temática gira em torno de adultérios e brigas entre comilões e beberrões. [...] É nítida a atmosfera de botequim e farra que impregna essas farsas. O termo, aliás, não vem de *fasten* (jejua) e sim de *faseln* (brincar, fazer palhaçada, trote, farra etc.)”. Dessa forma, o caráter dessas farsas reforça o acento satírico e, tal como se pode interpretar Walser, “tornam mais virulentas as frequentes alusões de crítica moral e social”. Cf. ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993, pp. 179-180.

63 PELLETIER, Nicole; DENTAN, Michel. *Robert Walser: le rien et le provisoire*. Tradução: Marion Graf. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2008, p. 23. Tradução nossa.

64 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 41. Tradução nossa.

obteve o reconhecimento do público – uma vez mais um dado biográfico de Walser prevalece – e que, por não possuir posição e nem prestígio social, vaga pelas ruas estabelecendo relações efêmeras com jovens dançarinas, com o alfaiate Dünn, o nauseabundo Tomzack e com a filantrópica senhora Aebi. Tudo isso lhe foi permitido, pois negociara com o diretor do trabalho exercido à época mais tempo para que pudesse empregar em suas caminhadas, mesmo sob pena de uma baixa salarial. Eis a anuência do diretor: “No momento você pode caminhar e continuar seus passeios”⁶⁵.

Como em Samuel Beckett, muitas vezes os vagabundos de Walser, precisamente por serem conduzidos de modo inebriante pela necessidade de perambular, desconhecem o seu próprio destino e como lá foram parar: “Onde estou?”⁶⁶. Todavia, ao contrário das personagens do escritor irlandês, o caminhante walseriano – em sua mobilidade lírica⁶⁷ – não é determinado pelo confinamento e pela incomunicabilidade, pois desenvolve uma rara afeição pela livre caminhada, pelos despojados passeios e pelo constrangimento da comunicabilidade melindrada, dado que “o espírito, a entrega e a fidelidade o satisfazem e se sobressaem sobre a pessoa do caminhante, que com demasiada frequência tem a reputação e a má fama de vagabundo”⁶⁸. Konrad Harrer, na sua relevante obra *Souveraineté et impuissance dans l'œuvre de Robert Walser*, defende a tese de que a vagabundagem desempenha um papel específico na obra de Walser:

O vagabundo mostra aos burgueses uma atitude diante da vida que lhes é estranha, mas que lhes desperta um interesse, como se eles reconhecessem que existe uma realidade para além da burguesa, como se o vagabundo desempenhasse um papel de vidente que lhes permitisse entrever o que está além. Segundo Walser, esta ambiguidade aparece, por exemplo, na posição dos personagens em relação à situação profissional instável.⁶⁹

Por isso, na cadeia de eventos imprevisíveis do fenomênico e errante percurso dos caminhantes, a função peripatética em sua obra desvela o *ethos* de uma época de tal modo que “a Natureza e os costumes tornam-se atrativos e encantadores aos sentidos e aos olhos do caminhante atento [...]”⁷⁰. Deste modo, as andanças findam por se converterem num passeio que o “estimula profissionalmente e, ao mesmo tempo, lhe “dá satisfação e alegria no âmbito pessoal”.⁷¹

Em seguida, discorreremos sobre outro aspecto além dos idílios da caminhada. Daí poderá surgir outro modo de satisfação diante do mundo, um método velado de reconciliação com a

65 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 45.

66 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 44.

67 Cf. SONTAG, Susan. A voz de Walser. In: SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

68 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 43. Tradução nossa.

69 HARRER, Konrad. *Souveraineté et impuissance dans l'œuvre de Robert Walser*. Berne: Peter Lang, 2008, p. 70. Tradução nossa.

70 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 42. Tradução nossa.

71 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 42.

imediatez da existência humana. Contudo, qual seria então este recurso utilizado por Walser para efetivar sua imersão nas exigências da vida? Em uma palavra, mimese.

Embora não disserte diretamente sobre Walser, quando Erich Auerbach evoca as premissas do francês Michel de Montaigne, ele nos fornece uma importante chave de leitura para entendermos outra estratégia walseriana para a tal reconciliação. Auerbach⁷², ao examinar a premissa “os outros formam o homem” do moralista francês, conclui que um conteúdo relevante da humana condição tende a ser composto pelos ensinamentos indiretos de uma formação mimética. Sendo assim, não se trata de receber do outro uma educação positiva e formal, mas de tomá-lo como modelo para si, mas “isto só pode se referir a homens cuja auto-experiência é demasiada estreita”⁷³. Muito conveniente com o que até agora desenvolvemos.

É exatamente assim que Jakob von Gunten considera o seu colega Kraus no Instituto Benjamenta. No interior de sua estreiteza de espírito, o outro acaba por surgir como receptáculo de toda sorte de aspirações, e sobre ele paira o espectro da exemplaridade (*Mustegültigkeit*). Diz ele: “meu querido Kraus! Meus pensamentos sempre me levam de volta para ele. Em sua pessoa, pode-se ver tão bem o real significado da palavra *formação* [*Bildung*]”⁷⁴. Ora, se Helbling diz que é um “tipo de homem que acha degradante topar com uma pessoa ideal”, é apenas porque em seu íntimo quer manter secreta a vivacidade do desejo de imitação e ainda tornar razoável a possibilidade de “se educar a partir do comportamento dos outros”⁷⁵. Simon Tanner, por sua vez, obtêm profundas conclusões quando entregue aos diálogos na contingência de seus encontros.

Desperdicei minha vida até agora porque quis, uma vez que ela sempre me pareceu desprovida de valor. A interesses de outros, eu me dedicaria por completo, isso está claro, porque quem não tem objetivos próprios vive, justamente, para os propósitos, interesses e intenções dos outros.⁷⁶

Para fazer com que suas criaturas transitem na camada social desejante de sucesso, Walser precisa dotá-las de uma secreta aversão antiburguesa sucedidas pelo fracasso de seus próprios empreendimentos, sejam eles materiais ou espirituais. Neste ponto podemos, novamente, trazer à tona o romance *O ajudante*. Nele, a senhora Tobler confia ao ajudante Joseph Marti seu aborrecimento face ao declínio dos negócios do marido.

72 Cf. AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

73 AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011, p. 266.

74 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 72, grifo do autor.

75 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 48.

76 WALSER, Robert. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 161.

Eu mesma já perdi há tempos toda ilusão e qualquer esperança no sucesso dos negócios de Tobler. É preciso ver as coisas como elas são: minha confiança na competência de meu marido para assuntos relativos ao comércio encontra-se severamente abalada [...]. Todo esse tempo, na minha opinião, ele só fez imitar o dom dessas pessoas finórias e espertas que conseguem alcançar êxito, delas tendo assumido o comportamento, os modos, mas sem adquirir nenhuma de suas aptidões.⁷⁷

Para Walser, a imitação pode ser qualificada como uma verdadeira obstrução de um crescimento espiritual, pois a provisoriedade do disfarce desloca o indivíduo para uma virulenta dissimulação. É assim que, quando os seres de tal estirpe são convidados a interagirem com pessoas bem-sucedidas socialmente, exercem com perfeição a sua qualidade mimética: “vi como todos faziam e, com grande talento, fiz igual. Como isso é vulgar”⁷⁸.

É como se o homem, na acepção de Walser, para usar as palavras do filósofo romeno Emil Cioran, estivesse impelido a “viver por imitação, por respeito às regras do jogo, por horror à originalidade [...] e submeter-se às convenções para repudiá-las às escondidas”.⁷⁹ O escritor Gilles Quinsat, por sua vez, num artigo dedicado a Robert Walser no periódico *La Nouvelle Revue Française*, vai mais além. Ele afirma:

Trata-se, aqui, de seres isolados, sem parâmetro comum, que escapam de todo enquadramento narrativo, e aparentam se inscrever na tipologia social apenas para desvencilharem-se dela, praticando, assim, a arte da camuflagem até então desconhecida [...]. Debruçados sobre suas escrivatinhas, repetindo certos gestos, eles se entregam, na ordem social, ao mimetismo comparável àquele que permite aos insetos se confundirem com a folhagem.⁸⁰

Entretanto, essa teatralidade inconfessa tem suas origens declaradas nas aspirações artísticas do jovem Walser. É válido lembrar que, na primavera de 1905, desde sua chegada em Berlim, ele – após ter sido, na adolescência, espectador de uma representação da peça *Os salteadores*⁸¹ (*Die Räuber*) de Friedrich Von Schiller – interessou-se pela carreira de ator, deixando-se influenciar pela leitura de clássicos (de Shakespeare à Goethe) e frequentando as apresentações, ao mesmo tempo em que se preparava adquirindo técnicas de respiração e dicção nos cursos de arte dramática. Com a ajuda do irmão Karl Walser⁸², pintor e diretor de decoração das apresentações

77 WALSER, Robert. *O ajudante*. Tradução: Zé Pedro Antunes. São Paulo: Arx, 2003a, p. 279.

78 A edição portuguesa de *Jakob von Gunten. Um diário* condiz melhor com o contexto de nossa análise quando traduz “Ich sah, wie es alle machten, und ich machte es talentvoll nach” por “vi como os outros faziam e imitei com talento”, pois aproxima-se, pela sua literalidade, com a noção de imitação. Cf. WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 88; WALSER, Robert. *Jakob von Gunten. Um diário*. Tradução: Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005, p. 95.

79 CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Tradução: José Thomaz Brum. Rio Janeiro: Rocco, 2011, p. 139.

80 QUINSAT, Gilles. L'homme sans emploi. *La Nouvelle Revue Française*, Paris, n. 404, 1986, pp. 87, 95. Tradução nossa.

81 *O Salteador (Der Räuber)*, escrita em 1925, também é o nome de uma das obras de Robert Walser. A obra foi publicada em 1972, após ter sido decifrada, em 1966, por Jochen Greven e Martin Jürgens a partir de manuscritos com caracteres minúsculos, os famosos microgramas, encontrados em papéis reaproveitados.

82 A parceria entre Robert Walser e Karl Walser é relativamente duradoura. As obras de Robert Walser contavam com as ilustrações de seu irmão. A colaboração artística de Karl Walser era profícua, uma vez que suas ilustrações alcançavam uma precisão estética

teatrais, Walser é favorecido pelo ambiente cultural e convive com os atores por ele admirados.⁸³ Porém, depois de ter sido desencorajado pelo ator austríaco Josef Kainz, Walser abandona o sonho de ser ator, mas apropria-se da rubrica teatral para dar vida às suas personagens e lançá-las na objetividade do cotidiano, ora guiando-as pela escritura, ora, ele próprio, encarnando-as na dimensão cênica da existência.

Ademais, à maneira dos heróis de Joseph von Eichendorff e Franz Kafka⁸⁴, os anti-heróis de Walser partem, com seus disfarces e representações, cegamente em direção aos aposentos interiores “dignos de castelo”, mas não encontram o esplendor gerado pela expectativa, nem tampouco a imponência dos condes. Em oposição ao que desejariam encontrar, para finalmente colocarem em prática os evasivos ensinamentos, deparam-se com a morbidez presente seja nos quartos de pensão, seja nos falidos institutos e educandários, ou ainda nas mansões em ruínas. Porém, justamente por isso, antes mesmo de se entregarem obstinadamente aos trabalhos requeridos, estão “fadados a um estranho ócio”⁸⁵.

Continuamos presas das férreas garras das numerosas normas e seguimos nos alongando em repetições instrutivas e monótonas. De resto, estive, enfim, nos verdadeiros aposentos interiores e devo dizer que tal coisa não existe. São dois quartos, mas, em aparência, nenhum deles tem nada de especial. A mobília é escassa, a própria imagem da economia e da trivialidade, e os cômodos não contêm absolutamente nada de misterioso. É estranho.⁸⁶

Se é lícito aos seus personagens alcançar algum tipo de perfeição moral, eles o fazem não pelo aprimoramento das virtudes do espírito humano, mas a adquirem através da execução de tarefas, da submissão voluntária, da aplicação de gestos plenos de automatismo para simplesmente passarem despercebidos. A única ordem é dada pela “madame Imitação”, “a grande e nobre soberana desta vida”⁸⁷ enaltecida na narrativa *A pequena berlinense (Die kleine Berlinerin)*.

4 Considerações finais

capaz de representar fielmente os elementos determinantes das narrativas, das prosas curtas, dos romances e dos poemas de seu irmão, além de contribuir com a arte do livro em geral (caligrafias estilizadas, grafismos, etc.). Mais sobre esta parceria: cf. MÜLLER, Dominik. Karl et Robert Walser: une collaboration artistique. *Revue Europe*. Paris, n. 889, 2003, pp. 53-57.

83 SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989, pp. 70-72. Tradução nossa.

84 O primeiro, Eichendorff (1778-1857), era admirado por Walser e, segundo Seelig, o livro *Da vida de um bom-para-nada (Aus dem Leben eines Taugenichts)* era objeto de suas considerações elogiosas. Enquanto o segundo, Kafka (1883-1924), lia Walser em voz alta. Sabe-se que o escritor tcheco apreciava a mais conhecida de suas obras: “Walser me conhece? Não o conheço, mas conheço *Jakob von Gunten*, um bom livro”, cf. KAFKA, Franz. Lettre au directeur Eisner. In: LANDGRAD, Patricia (org.). *Dossier Robert Walser*. Lausanne: Pro Helvetia/Éditions l'Âge d'Homme, 1987, p. 30. Tradução nossa.

85 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 15.

86 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 118.

87 WALSER, Robert. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 59.

Se estão sempre expostos aos regulamentos, à disciplina desprovida de sentido, se estão constantemente negando os próprios impulsos para resignarem-se numa normatividade alienante, se veem “a Natureza e a vida humana como uma série de encantadoras repetições”⁸⁸, em que consiste o empenho dos seres walserianos, uma vez que nada mais lhes resta senão adaptarem-se a coisa pouca? Eis a resposta: “para pessoas tão pequenas e insignificantes como nós, pupilos, nada é engraçado. Quem é privado de sua dignidade leva tudo a sério, mas leva tudo na brincadeira, quase com frivolidade”.⁸⁹

Por fim, também podemos responder a tal questão dizendo que Walser e seu conjunto de personagens são assintomáticos da ordem – essa espécie de “compulsão à repetição” no dizer do psicanalista Sigmund Freud⁹⁰ – porque empregam seu tempo em exercícios inúteis: em comportamentos, negócios ou encargos imaginários, desenvolvem a habilidade de ficar em pé numa perna só, imaginam-se salteadores em épocas passadas e na pele de criaturas simiescas, travam conversas instrutivas com seres animais e vegetais, fazem viagens de balão, dissertam sobre o papel da calça comprida na moda, solicitam emprego, etc.; estão, finalmente, imbuídos nesse conjunto de frivolidades, porque, segundo Agamben⁹¹, referindo-se aos “assistentes” de Walser, são “teimosamente preocupados em colaborar com uma obra totalmente supérflua, para não dizer inqualificável”.

Enfim, não sabemos os reais motivos da recusa de Robert Walser ao receber um cheque de Bruno Cassirer, um dos seus editores, para custear uma viagem à Índia⁹². Abdicou da viagem, mas não seria difícil, como diz Sebald, “imaginá-lo escondido com tigres e elefantes num quadro de Rousseau cheio de folhas verdes, na varanda de um hotel à beira mar [...]”.⁹³ Certo é que, ironicamente, numa das últimas cenas do romance mais conhecido de Walser, Jakob von Gunten sonhava participar de uma revolução da Índia, possivelmente porque, na concretude do real, tal empreitada estivesse longe de seu alcance. E se nos for permitido uma última divagação, podemos supor que o próprio Walser, com sua pantomima, desempenharia, na imobilidade social do sistema de castas indiano, o papel de pária; não pela sua impureza, mas talvez para escarnecer dos arroubos de uma sociedade hierarquizada e para renunciar às vãs solenidades do mundo.

88 WALSER, Robert. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997, p. 62. Tradução nossa.

89 WALSER, Robert. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 100.

90 FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão e O mal-estar na cultura*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 141.

91 AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução: Profanazioni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 33.

92 UNSELD, Siegfried. Robert Walser y sus editores. In: UNSELD, Siegfried. *El autor y su editor*. Tradução: Genoveva e Antón Dieterich. Madrid: Taurus Ediciones, 1985, p. 195.

93 SEBALD, Winfried Georg. O passeador solitário. *Revista Serrote*, São Paulo, n. 5, 2010, p. 105.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Prismas*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução: António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- _____. *Profanações*. Tradução: Profanazioni. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- _____. *Nudez*. Tradução: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- AMANN, Jürg. *Robert Walser: una biografía literaria*. Tradução: Rosa Pilar Blanco. Madrid: Ediciones Siruela, 2010.
- AUDIBERTI, Marie-Louise. *Le vagabond immobile. Robert Walser*. Paris: Gallimard, 1996.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- BAUDELAIRE, Charles. *Le spleen de Paris ou les cinquante poèmes en prose de Baudelaire*. Paris: Émile-Paul Frères, 1917. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k647226op/f11.image.texteImage>. Acesso em 12/06/2020.
- BENJAMIN, Walter. Robert Walser. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 50-53.
- CANETTI, Elias. Robert Walser. In: CANETTI, Elias. *Sobre os escritores*. Tradução: Kristina Michahelles. Rio Janeiro: José Olympio, 2018, pp. 152-155.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A História concisa da Literatura alemã*. Barueri: Faro Editorial, 2013.
- CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Tradução: José Thomaz Brum. Rio Janeiro: Rocco, 2011.
- COETZEE, John Maxwell. Robert Walser. In: COETZEE, John Maxwell. *Mecanismos internos*. Tradução: Sérgio de Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 33-50.
- EICHENDORFF, Joseph von Freiherr. *Da vida de um imprestável*. Tradução: Fernando Miranda. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão e O mal-estar na cultura*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- GRAF, Marion. *Robert Walser lecteur de petits romans sentimentaux français*. Paris: Éditions Zoé, 2015.
- HARRER, Konrad. *Souveraineté et impuissance dans l'œuvre de Robert Walser*. Berne: Peter Lang, 2008.
- KAFKA, Franz. Lettre au directeur Eisner. In: LANDGRAF, Patricia (org.). *Dossier Robert Walser*. Lausanne: Pro Helvetia/Éditions l'Âge d'Homme, 1987, pp. 30-31.
- _____. *O castelo*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Insociabilidade, inépcia e mimetismo: deambulações em torno da obra de Robert Walser, pp. 54-76

KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita*. Tradução: Rodrigo Naves e Ricardo R. Terra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

LACADÉE, Philippe. *Robert Walser, le promeneur ironique. Enseignements psychanalytique de l'écriture d'un roman du réel*. Nantes: Édition Cécile Defaut, 2010.

LE BRETON, David. *Desaparecer de si: uma tentação contemporânea*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

MÜLLER, Dominik. Karl et Robert Walser: une collaboration artistique. *Revue Europe*. Paris, n. 889, 2003, pp. 53-57.

PELLETIER, Nicole. *Franz Kafka et Robert Walser – étude d'une relation littéraire*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz/Akademischer Verlag, 1985.

_____; DENTAN, Michel. *Robert Walser: le rien et le provisoire*. Tradução: Marion Graf. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2008.

QUINSAT, Gilles. L'homme sans emploi. *La Nouvelle Revue Française*, Paris, n. 404, 1986, pp. 86-100.

ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Tradução: Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.

SAUVAT, Catherine. *Robert Walser*. Paris: Librairie Plon, 1989.

SEBALD, Winfried Georg. O passeador solitário. *Revista Serrote*, São Paulo, n. 5, 2010, pp. 85-107.

SEELIG, Carl. *Caminhadas com Robert Walser*. Tradução: Bernardo Ferro. Lisboa: BCF Editores, 2019.

SONTAG, Susan. A voz de Walser. In: SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2002.

UNSELD, Siegfried. Robert Walser y sus editores. In: UNSELD, Siegfried. *El autor y su editor*. Tradução: Genoveva e Antón Dieterich. Madrid: Taurus Ediciones, 1985, pp. 173-239.

UTZ, Peter. Un point zéro de la littérature allemande. *Revue Europe*. Paris, n. 889, 2003, pp. 23-36.

WALSER, Robert. *Kleine Dichtungen*. Leipzig: Kurt Wolff Verlag, 1914. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/37128/37128-h/37128-h.htm>. Acesso em 11/06/2020.

_____. *Jakob von Gunten, Ein Tagebuch*. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1985.

_____. *El paseo*. Tradução: Carlos Fortea. Madrid: Ediciones Siruela, 1997.

_____. *O ajudante*. Tradução: Zé Pedro Antunes. São Paulo: Arx, 2003a.

_____. *O salteador*. Tradução: Leopoldina Almeida. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003b.

_____. *A Rosa*. Tradução: Leopoldina Almeida. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2004.

_____. *Jakob von Gunten. Um diário*. Tradução: Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

_____. Lettre d'un père à son fils. *Revue Intervalles*, Bienne, n.19, 2006, pp. 59-60.

_____. *Los cuadernos de Fritz Kocher*. Violeta Pérez e Eduardo Gil Bera. Valencia: Editorial Pré-textos, 2007.

_____. *Histórias de amor*. Tradução: Isabel Castro Silva. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2008.

_____. *Jakob von Gunten: um diário*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Absolutamente nada e outras histórias*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *L'Étang et Félix*. Tradução: Gilbert Musy. Carouge-Genève: Éditions Zoé, 2016.

_____. *Os irmãos Tanner*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WOLFF, Kurt. *Memórias de um editor*. Tradução: Flávio Quintale. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.